

Relatório sobre abertura da empresa j.m.produções

Júlia Milward¹

Resumo

O ensaio “*Relatório sobre abertura da empresa j.m.produções*”, relata a experiência do processo de criação da própria (micro) empresa, questionando a profissão e a atuação social dos artistas contemporâneos a partir dos eixos reflexivos da ocupação, do capital e do nome. O texto baseado essencialmente no curso “*Comment achever une oeuvre? Travail et processus de création*” (2018-2019), realizado pelo pesquisador e professor Pierre-Michel Menger no Collège de France, em que analisa as profissões vinculadas à criação no contexto contemporâneo a partir do ponto de vista sociológico.

Palavras-chave: profissão artista; arte contemporânea; escrito de artista.

Abstract

The essay “*Report on the opening of the company j.m.produções*”, reports the experience of the creation process of the (micro) company itself, questioning the profession and social performance of contemporary artists from the reflective axes of occupation, capital and name. The text is mainly based on the course “*Comment achever une oeuvre? Travail et processus de création*” (2018-2019), carried out by researcher and professor Pierre-Michel Menger at the Collège de France, in which he analyzes those linked to creation in the contemporary context from a sociological point of view.

Keywords: artist profession; contemporary art; artist writing.

1

Artista-autora-pesquisadora. Doutora em Artes Visuais pela Universidade de Brasília [2021]. Mestre em Artes pela Universidade de Brasília [2014] e em Fotografia Contemporânea pela École Nationale Supérieure de la Photographie [2011]. Bacharel em Artes Plásticas (opção Fotografia) pela Université Paris VIII [2008] e em Comunicação Social (opção Jornalismo) pela Universidade Federal de Juiz de Fora [2007]. Atua na área de Artes Visuais, com ênfase em ensino e pesquisa em Fotografia, História das Artes, Métodos e Processos de criação. Sobre a pesquisa artística, explora outras formas de re-apresentação do fotográfico, propondo uma conversa entre a técnica da reprodutibilidade com a escrita, a performance, a escultura e a instalação. Expôs coletivamente 54 vezes em 4 países diferentes [Brasil, França, China, Canadá]. Individualmente 7 vezes. Participou de 16 publicações e 5 residências artísticas. Ganhou 6 prêmios [Arca-Suiss + Transborda + Funarte + 15º Salão de Arte Contemporânea de Guarulhos + Prêmio X do Diário Contemporâneo + PH Museum] e foi indicada ao Prêmio Pipa [2016]. Desde 2014 integra o grupo de pesquisa Vagando: poéticas nômades.



"(...) podemos crer que a necessidade de se expressar, de deixar um traço no mundo, é uma força potente; mas que, geralmente, ela não é suficiente." Michel Houellebecq.

Não sei o que pensam aquelas/aqueles que optam pelo curso de artes, mas, quando escolhi a profissão artista², não tinha em mente que deveria me tornar uma (micro) empresa. O processo de criação do CNPJ, a inscrição estadual e o registro na câmara de comércio foram extremamente facilitados nos últimos anos e em poucos dias cidadãos se transformam em sócios fundadores e proprietários de firmas responsáveis pelo comércio de bens e serviços, utilizam o sistema de controle de caixa e emitem notas fiscais eletrônicas. Parece que, no hoje, a ocasião nos faz empresa. Fora as questões burocráticas inerentes às profissões, me ateno aos aspectos simbólicos relacionados ao processo do tornar-se sócia fundadora do si-artista, tentando compreender à partir da experiência pessoal a relação entre o eu-empresa e o eu-pessoa-física, que estão vinculados pelo sistema de controle da receita federal e alocados no mesmo endereço.

A abertura da empresa *j.m.produções* foi involuntariamente convocada por uma daquelas raras correspondências eletrônicas legítimas que parabenizam nomes selecionados e que solicitam algumas ações de acordo com o cronograma estabelecido, como a data do envio das obras, as informações pessoais para material de divulgação e a nota fiscal referente ao pró-labore. Afinal, sem nota não há deslocamento. Assim, me lancei no projeto de criar uma (micro) empresa que se sustente sem funcionários e com o capital inicial de poucos números. Uma experiência de "criação"³ que circunscrevo em torno de três eixos: a ocupação; o capital; o nome.

2

Compreendo que a noção do profissional artista é polêmica e os debates em torno do tema não cabem no espaço desse texto, mas, gostaria de destacar que quando utilizo essa formulação estou me baseando no livro "Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo" do sociólogo Pierre-Michel Menger e nas aulas proferidas por ele no curso "Comment achever une oeuvre? Travail et processus de création" disponíveis no link: <https://www.college-de-france.fr/site/pierre-michel-menger/course-2018-2019.htm>

3

Coloco "criação" entre aspas, pois, para mim, é uma palavra que problemática e que em outros textos substituo por "construção". No caso, resolvi manter a palavra mal-dita pois achei que era importante inserir a noção poética do processo de oficialização da (micro)empresa.



I. a ocupação



Fig. 1: Júlia Milward, *Renomes*, montagem exposição *Ateliê 397*, 2016-2021.

No dicionário de sinônimos a palavra ocupação aparece vinculada tanto ao ofício, profissão, negócio, cargo, quanto à arte e habitação. Porém, entre as 466 ocupações permitidas às microempresas pelo sistema de Classificação Nacional das atividades econômicas (CNAE), a palavra artista figura em ausência. Passeio pelas possibilidades presentes na lista organizada em ordem alfabética e procuro alguma designação que represente por aproximação essa atividade liberal vinculada ao sistema de ensino superior. Na letra A me deparo com um amplo inventário de materiais relacionado à palavra artesã: bijuteria, borracha, cerâmica, cimento, cortiça, bambu, couro, gesso, louças, vidro, cristal, madeira, mármore, granito, ardósia, outras pedras, metais, metais preciosos, papel, plástico, vidro, têxtil e outros. Como trabalho com diferentes suportes, escolho inicialmente a alternativa “artesã em outros materiais independente”, mas como esta classificação é incapaz de abarcar a multiplicidade das funções artísticas e que o próprio sistema regulatório permite a escolha de uma ocupação principal e quinze secundárias, sigo, então, à procura entre as palavras dispostas, de possíveis qualificações que, reunidas e associadas, consigam propor uma ideia aproximada da minha atuação enquanto artista: clichê independente; comerciante de objeto de artes independente; comerciante de souvenirs independente; editora de livros independente; editora de vídeos independente; encadernadora independente; fabricante de jogos recreativos independente; filmadora independente; fotógrafa independente; fotocopadora independente; humorista e contadora de

histórias independente; instrutora de arte e cultura em geral independente; mágica independente; restauradora de obras de arte independente; reveladora fotográfica independente. Uma listagem que não é capaz de especificar a ocupação, mas que reforça a multiplicidade e ambivalência da atividade artística, revelando pela abertura a noção da indeterminação inerente a todo processo de criação e que é potencializado no paradigma da arte contemporânea⁴. Uma impressão que, para mim, aparece reforçada pela repetição da palavra "independente" a cada nova categoria, e que faz pensar na presença dessa noção dentro do próprio fazer artístico compreendido como uma atividade autônoma, isolada, autossuficiente, desprendida, aberta, permissiva e livre, isto é, uma série de vantagens extremamente sedutora, cuja "atração é tão grande quanto o risco do fracasso"⁵. Essa consciência de que a profissão artista é uma empreitada extremamente arriscada e *um jogo bastante perigoso*⁶, aparece não apenas dentro do próprio processo de criação em que a intenção e o resultado tendem a não coincidência, nem somente na indeterminação do fim de uma obra ou nas reações de um público desconhecido, mas que se faz sentir com maior impacto na dificuldade de realização e difusão dos projetos pela via dos editais, dos salões e dos concursos, todos extremamente concorridos, e em que o malogro traz o inefável gosto da derrota à maneira de Sísifo. Para o sociólogo Pierre-Michel Menger, a gestão das incertezas deve ser considerada a principal especialidade das profissões artísticas. Um aspecto que nunca é levantado pelos guias negócios e profissões ou curso de empreendedorismo, mas que acontece no seio da própria experiência do processo de criação, nessa *sobreposição de tempos (o da vida e o da poética)* do processo de criação, que é dado por *uma cadeia de reações que acompanham todo o ato*⁷, em que os valores atribuídos às obras porvir não são medidos por *perfeições ou imperfeições, mas pelo tatear da invenção: testes, ensaios, erros, correções, remorsos, recomeços, bifurcações que compõe o cotidiano de trabalho dos artistas*⁸; ações que ocorrem na abertura do estado-ateliê, lugar temporal de *conciliação entre criação e re-criação*⁹, nessa ocupação do espaço de concentração para se *consertar o mundo por fragmentos*¹⁰, ambiente em que se estabelece o *modo de utilização dos recursos técnicos oferecidos pelos instrumentos de trabalho*¹¹, *área de manejo, manobra, manuseio*¹² dos materiais expressivos,

4

A compreensão sobre o paradigma da arte contemporânea foi tomada do livro "Le paradigme de l'art contemporain: structures d'une révolution artistique" de Nathalie Heinich.

5

MENGER, p.10, 2009.

6

Titulo do livro da poeta Adília Lopes.

7

DUCHAMP, p.188.

8

MENGER, p. 30 e 31, 2009.

9

PONGE, p. 68.

10

IDEM, p. 67.

11

Definição do Dicionário Michaelis On-line.

12

IDEM.



momento de definição do método¹³, *do estilo ou da maneira como se joga*¹⁴, de perceber a *presença de limites e a faculdade de inventar no interior desses limites*¹⁵. É importante destacar que, contrariando possíveis afirmações feitas nos livros de auto-empresendimento que visam o lucro e o sucesso profissional, no caso dos artistas, as incertezas inerentes ao processo de criação não levam ao caos ou ao desgoverno, mas ao aprendizado contínuo, e é exatamente a maneira como cada artista lida com a *imprecisão no curso da atividade e do seu provável resultado que condiciona a ideia de uma possível originalidade*¹⁶ de um trabalho poético único e pessoal¹⁷.

II. o capital



Fig. 2: Júlia Milward, Re-cor-do-me, 2019-2022.

Requisita-se na abertura da empresa a declaração monetária e contábil do capital social que precisará ser investido para estabelecer o negócio e torná-lo viável. Mesmo não existindo a exigência de um valor mínimo ou máximo, optei por organizar os meus cálculos não pelo o que será, mas pelo o que foi. Começo as contas a partir de 2007, ano que marca o início da minha formação prática e intelectual na categoria de ensino superior e pesquisa em Artes Visuais. Apesar de ter estudado somente em instituições de ensino superior públicas, paguei, ao menos, 4 taxas de matrículas requisitadas pelo sistema francês de educação, fiz 24 cursos livres para formações complementares, participei de 2 grupos de pesquisas em instituições privadas e 3 consultorias particulares com profissionais da área. Paguei também por inscrições em concursos internacionais e nacionais, bem como a produção das obras e envio dos trabalhos selecionados. Fiz

13

IDEM.

14

IDEM.

15

CAILLOIS, posição 235-237 do kindle.

16

MENGER, p.13, 2009.

17

BOWNESS, p. 47.

viagens para aprendizado, realizando visitas em museus e centros culturais, e também deslocamentos para montagens de exposições em outras cidades. Investi nas ferramentas de trabalho como telas, lápis, tintas, pincéis, papéis, computadores, câmeras fotográficas, objetivas, gravador de áudio, microfone, scanner, impressoras, cartões de memória, HDs, programas de edição de fotografia e vídeo, mochila apropriada para o material, envelope para filmes 135mm e 120 mm. Sem falar da compra dos filmes fotográficos, da revelação dos negativos, da digitalização das fotografias analógicas, dos testes de impressões. Montei uma biblioteca com mais de 400 livros e catálogos, mobiliei o ateliê com grandes mesas, cavaletes e cadeira ergonômica. Pago anualmente o domínio do site com o meu nome e mensalmente o pacote ADOBE CREATIVE. Porém, se os cálculos fossem baseados no que Menger chama de economia do conhecimento, em que o capital humano é mais precioso do que o capital material, a recapitulação deveria partir da contabilização do tempo dedicado ao processo artístico. Como o trabalho de subsistência e o de existência tendem a não coincidir, faço uma estimativa temporal destinada ao pensamento e às práticas das artes, que, pelos cálculos, gira em torno de 8 horas diárias, divididas entre a execução dos trabalhos, a fabricação das proposições artísticas, os testes de materiais, os tratamentos das imagens, a escrita de projetos para editais, as formações extracurriculares, os encontros com profissionais da área, a atualização e adaptação dos portfólios para concursos. Destaco também que tendo a me servir do mês destinado às férias para realizar os trabalhos que exigem deslocamentos e viagens, ou seja, um estado contínuo de produção sem garantias. Mesmo deixando voluntariamente de fora os números e alguns outros gastos (como moradia, alimentação, transporte e lazer), fica claro que, independentemente da abordagem sobre o capital, custa *muito caro ser iluminado*¹⁸. Mesmo com toda dedicação e investimento, seja financeiro ou de tempo e energia vital, a condição econômica do trabalho criador nunca está assegurada. O reconhecimento das produções artísticas depende não apenas do indivíduo, mas, principalmente, das relações estabelecidas no ambiente de atividade; das adequações às normas, preceitos ou convenções estipulados que regem as situações específicas; de uma estratégia ou abordagem calculada, das condições (materiais, jurídicas e políticas) em que o trabalho é realizado; *da qualidade da peça*



poética e da equipe vinculada na execução do projeto¹⁹; da avaliação dos pares, dos críticos, da clientela dos marchands, dos colecionadores e, para finalizar, o triunfo junto ao grande público²⁰. Existe todo um universo de pessoas e instituições pelos quais é preciso passar para que o trabalho artístico seja oficializado e se torne uma peça do sistema das artes. As regras da aceitação, porém, são instáveis, atreladas ao poder vigente, adequadas aos ritos e aos pré-julgamentos normativos de cada época, *uma verdadeira esponja viva dos valores do seu tempo*²¹, em que o próprio sistema de avaliações incita a impostura, através do reconhecimento que se dá via disputas, como afirma Alan Bowness em 1989: *Qualquer grande arte jamais teria sido produzida num contexto desnudado de competição; ao contrário, é o ambiente de concorrência implacável no qual o jovem artista evolui que o conduz à excelência*²². *Os artistas devem lutar para serem reconhecidos no começo da carreira, conscientes de que as chances de se chegar ao sucesso são ínfimas*²³. É evidente que o historiador da arte não se preocupou em entender o processo de criação, aliás, o ceticismo empresarial por ele exposto revela um ambiente artístico áspero e hostil, e que se fosse somente pelas normas estruturais apontadas, não haveria muitas razões para alguém se arriscar nessa espécie de aposta, nesse jogo de azar. Penso que o ato de criação artística só se sustenta pelo prazer que sentimos ao praticá-lo e que *é exatamente essa incerteza que encanta*²⁴.

III. o nome



Fig. 3: Júlia Milward, cartão de visita, 2011-2019.

Dizem que no princípio era o verbo, mas todo ser demanda um nome. As empresas não fogem à regra da linguagem e o formulário de abertura

19

MENGER, p.12-13.

20

BOWNESS, p.13.

21

GORI, p.10.

22

BOWNESS, p. 47.

23

IDEM, p.62-63.

24

"It is the uncertainty that charms one.
A mist makes things wonderful",
citação do livro "The Picture of Dorian
Gray", de Oscar Wilde, posição 3893
do Kindle.

contém dois campos específicos a serem preenchido: um destinado ao nome²⁵, o outro, ao nome fantasia. Esse último aparece como um chamado que evoca o processo de imaginação; como um convite ao onírico e ao devaneio dentro do procedimento burocrático. Faço uma lista de palavras que jorram à maneira da escrita automática surrealista e parto delas para componho aglutinações que inconscientemente acabam se assemelhando às proposições poéticas do estilo “tio do pavê”. Realmente, *algumas vezes fazer algo leva a nada*²⁶. Me pergunto quais seriam os nomes registrados das empresas dos artistas contemporâneos mais vendidos no comércio das artes. Damien Hirst Co. ? Jeff Koons S.A.? Marina Abramović Foundation? Beatriz Milhazes Studio? Adriana Varejão LTDA? Imagino que simplicidade e objetividade são características eficazes da marca no comércio, mas essa coincidência voluntária, entre o nome de nascimento e o da firma, é algo que me perturba, não apenas evidência e revelação da monetarização das existências, mas, principalmente, pelo processo psíquico do eu que passa dividir a individualidade e a singularidade do ser com a indústria que produz objetos fabricados e destinados ao consumo. Uma lição possível do “nome fantasia” é a reflexão de que o processo de abertura de uma empresa talvez seja nada além do que uma ficção a qual inserimos no sistema chamado realidade. Me pergunto: Mas a insistência em determinar o registro autoral nos trabalhos artísticos não seria uma maneira de reivindicar uma marca pessoal para que ela seja vista, apreciada e, por que não, consumida? E se a ideia do si também fosse uma fantasia? Qual a parte da minha existência estaria disposta a ser vendida? As observações e dúvidas contraditórias não ajudam na perseguição da palavra nomeadora desconhecida que seja capaz de representar as coisas feitas e as ações realizadas no sistema de compra e venda de bens e serviços. *la e vinha / E a cada coisa perguntava / Que nome tinha*. O poema “Coral” irrompe a procura pelo nome representativo na Câmara do Comércio Municipal e como Sophia de Mello Breyner Andresen, lanço a questão para as coisas, mais precisamente para os trabalhos existentes, que, por sua vez, fazem proposições com desejo de protagonismo. Digo a eles que não sou autora de uma obra só e decido refazer a pergunta para o oráculo digital que me dá respostas com links e cliques, contendo dicas e estratégias de nomeação de uma empresa. Escolho um gerador de nomes comerciais automático²⁷ que faz combinações

25

No MEI o nome da empresa é gerado automaticamente, sendo composto pelo nome próprio do/da sócio/sócia fundador(a) acrescido (sem espaço) dos números do Cadastro da Pessoa Física do/da mesmo/mesma.

26

Faço referência aqui ao título traduzido do trabalho Paradox of praxis1 (Sometimes making something leads to nothing) do artista Francis Aljys, realizado no ano 1997.

27

Entrei no site <https://zyro.com/br/ferramentas/gerador-de-nome-para-empresa>, mas existem vários outros que exercem a mesma função.



a partir das palavras-chave inseridas pela própria pessoa interessada. Digitei *fotografia*, *artes*, *vídeo*, *performance* e *escrita*, apertei o botão CRIAR NOME DE EMPRESA e recebi 20 nomes gerados automaticamente, todos anglófonos, entre eles: Artromedia Art Frame; Pomplexin; Visual Art 4bit; Awesome People; Fresh Space Photography; Avatarsavvy; This Camera; Laliterary; Inartists. Tento novamente colocando o meu sobrenome entre as palavras e tenho a impressão de estar retomando uma versão atualizada de algum tipo de exercício surrealista: Milwardify; Milwardero; Milwardable. Insisto uma terceira vez em outro site²⁸, adiciono o nome próprio completo junto com as médias de trabalho, entre as possibilidades fui fisgada pelo nome que pareceu mais comum, amplo, acessível, sem sal e nada original: “*j.m.produções*”.



Fig. 04: Proposições de *Brand* feitas automaticamente pelo site *looka*.

A *j.m.produções* é uma empresa fundada em 2021 na cidade de São Paulo e vem desde então se inserindo paulatinamente na concorrência do mercado globalizado das artes. O conceito da marca é conceitual e a nossa meta é inventar projetos artísticos com o intuito de fazer circular um número limitado de reflexões imagéticas em diferentes médias e suportes. A equipe é composta por uma só pessoa, uma mulher-banda que inventa, projeta, fotografa, filma, copia, edita, imprime, recorta, escreve, costura, arranha, assopra, queima, pinta, amassa, fala, declama, performa, ironiza, terceiriza, joga, etc. Destacamos que a maior especialidade da *j.m.produções* são trabalhos portáteis com dimensões variáveis ao gosto da superfície, do



assunto e do espaço. Nosso lema é “fazemos o melhor que podemos”²⁹, sempre procurando transformar vislumbres esparsos em objetos palpáveis e defendendo a autoria mediana como meta a ser conquistada. Para receber o catálogo sazonal se inscreva agora no nosso *mailing list*. Para mais informações acesse as nossas redes sociais. Estamos sempre perto e longe de você.

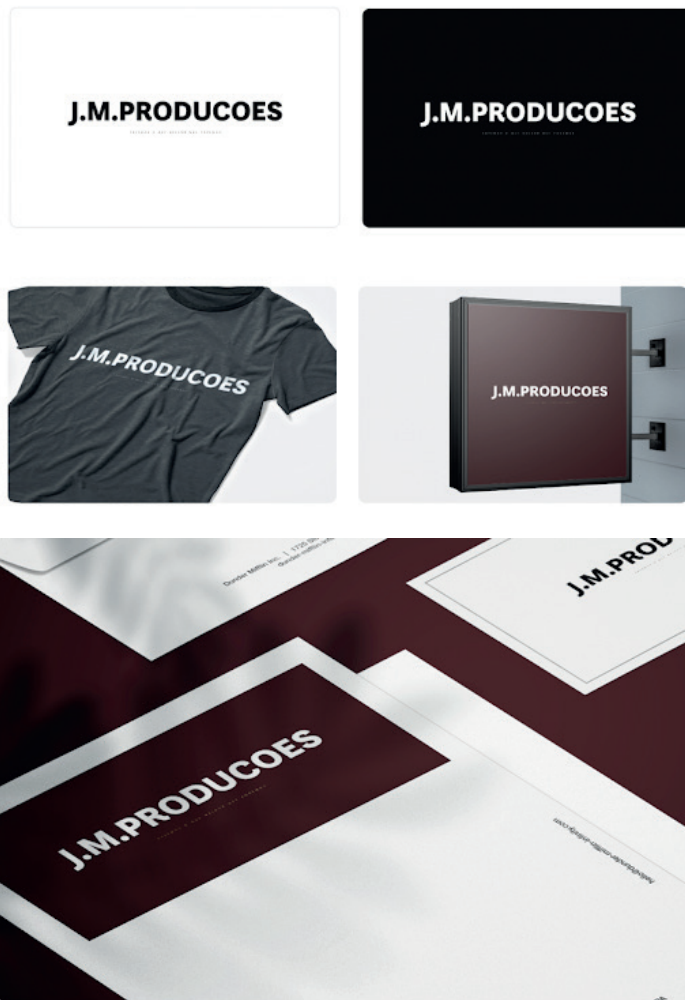


Fig. 05: Kit Brand feito automaticamente pelo site looka.

29

AIC IXH XAN: retirado da pintura “O homem de turbante vermelho” (1433) de Jan Van Eyck. Apresentado por Karina Dias na disciplina “Tópicos em Poéticas Contemporâneas 1”, Universidade de Brasília, 2013.

Bibliografia

- BOWNESS, Alan. *Les conditions du succès*. Paris: Éditions Allia, 2011.
- BORGES, Vera. *A arte como profissão e trabalho: Pierre-Michel Menger e a sociologia das artes*. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 67 | 2003, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/1209>
- BROPHY, Maria. *Art, Money and Success: finally make a living doing what you love*. San Clemente: Son of the sea, 2017.
- COMETTI, Jean-Pierre ; QUINTANE, Nathalie [org.]. *L'art et l'argent*. Paris: Les prairies ordinaires, 2021.
- CRAS, Sophie. *The artist as economist: art and capitalism in the 1960s*. New Haven/Londres : Yale University Press, 2018.
- DUCHAMP, Marcel. *Duchamp du signe*. Paris: Flammarion, 1994.
- ERBER, Laura. *O artista improdutivo e outros ensaios*. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2021.
- FONTAINE, Claire. *Em vista de uma prática ready-made*. São Paulo: GLAC, 2016.
- GREFFE, Xavier. *Les artistes-entrepreneurs*. Observatoire des politiques culturelles. 2014/1 N° 44.
- GORI, Roland. *La fabrique des imposteurs*. Paris : Éditions Les Liens qui Libèrent, 2013.
- HEINICH, Nathalie. *Le paradigme de l'art contemporain: structures d'une révolution artistique*. Paris: Folio, 2014.
- HUELLEBECQ, Michel. *La carte et le territoire*. Paris: Flammarion, 2010.
- LOPES, Adília. *Um jogo bastante perigoso*. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2018.
- KAFKA, Franz. *Um artista da fome*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



MENGER, Pierre-Michel. *Le travail créateur : s'accomplir dans l'incertain*. Paris: Éditions du Seuil/Gallimard, 2009.

MOULIN, Raymonde. *Le marché de l'art: mondialisation et nouvelles technologies*. Paris: Flammarion, 2003.

PONGE, Francis. *Métodos*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1997.

VASARI, Giorgio. *Vidas dos artistas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VIDOKLE, Anton. *Arte sem trabalho?* Rio de Janeiro/Copenhague: Zazie, 2016.

WILDE, Oscar. *The Picture of Dorian Gray*. Londres: Penguin Books, 2000.